

# MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL NO DISCURSO DE ANTONIO CARLOS MARINO

Leonardo Ribeiro<sup>1</sup>

#### Resumo

Esta pesquisa é um recorte de pesquisa mais ampla de dissertação de mestrado, cujo objetivo é desvelar elementos de memória e identidade social do centro de São Paulo. No caso escolhido, o Restaurante Carlino, o mais antigo restaurante italiano de São Paulo, é analisado do ponto de vista da hospitalidade maussiana através do discurso contido na entrevista de Antônio Carlos Marino, seu atual proprietário. A metodologia aplicada é a análise de conteúdo, a partir das categorias básicas dos estudos de memória oral: personagens, acontecimentos e lugares. Esta pesquisa poderá redundar não apenas em melhor compreensão não só do estado do conhecimento neste tema em si, mas também da evolução destes estudos, dos temas recorrentes, das áreas que os pesquisam com maior frequência, o cenário acadêmico atual, suas tendências e contribuições para os estudos em gastronomia e hospitalidade de forma mais ampla. Como referencial teórico destacamos a hospitalidade urbana de Grinover. Como resultados, este artigo traz memórias individuais e coletivas de Marino sobre seu cotidiano e o trinômio memóriatradição-identidade.

Palavras-chave: Memória. Hospitalidade. Restaurante. Carlino. São Paulo.

### Introdução

Esta reflexão insere-se dentro de projeto de pesquisa mais amplo no Programa de Mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi e visa, na perspectiva da hospitalidade, explanar cenas de memória e acolhimento hospitaleiro urbano a partir da análise do discurso na primeira entrevista realizada no dia 30 de março de 2010 com Antônio Carlos Marino, terceiro proprietário do Restaurante Carlino.

O propósito da dissertação é identificar lugares formadores de memórias que fazem parte da própria existência do entrevistado avaliando o conteúdo do discurso

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Mestrando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi – Morumbi. (2009-2010), Docente em Gastronomia pela Faculdade HOTEC, sob orientação do Professor Dr. Luiz Octávio Camargo. leonardojose22@gmail.com



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP mesmo submetido a flutuações modificadas ou ilusórias e, em contrapartida, com marcos ou pontos relativamente imutáveis de memória (POLLAK, 1992).

Para isso, o referencial teórico terá como base o sociólogo Michael Pollak que estuda fatores de identidade social nos critérios de acontecimentos, personagens e lugares denotados na memória individual da história oral retratando lugares de memórias do entrevistado.

Também será trazido o olhar de Marcel Mauss que estuda fatos antropológicos da dádiva como alicerce de relacionamentos interpessoais. A idéia de uma boa acolhida por parte do anfitrião de um estabelecimento gastronômico vai além da qualidade do alimento. Criam-se vínculos sociais que passa de geração para geração no intuito de ser bem acolhido. O restaurante como extensão da casa. O ser humano acolhe bem em sua casa para poder ser bem acolhido fora dela.

Concluo como referencial de apoio a escolha do pesquisador Jaques Godbout que também analisa o espírito da dádiva no contexto do homem moderno, sua relação com o meio e com o próximo; a historiadora e pesquisadora Sênia Bastos que analisa o patrimônio cultural e revitalização do centro histórico paulistano e o arquiteto e urbanista Lúcio Grinover que analisa a hospitalidade urbana em função da coexistência de três dimensões fundamentais: a acessibilidade, a legibilidade e a identidade.

# A memória oral como instrumento da história da cultura

Em Memória e Identidade (1992), o sociólogo Michael Pollak exemplifica três critérios formadores de memórias coletivas e individuais: os acontecimentos, os personagens e os lugares.

Estas memórias estão no âmbito individual que condiz com momentos vividos individualmente, lembranças invariáveis, imutáveis que foram marcos em nossas vidas e também no âmbito das memórias coletivas herdadas pela sociabilização do ser humano ao sermos inseridos na vivência em coletividade. Não necessariamente vivenciamos, porém absorvemos estas memórias pela identidade de assimilação ao grupo ao qual pertencemos, seja familiar, religioso ou político.



Os *acontecimentos* requerem o cotidiano pessoal do indivíduo, suas vivências, experiências marcantes que a memória seletiva arquivou e contribuiu para compor os fatos de sua vida que servirão de referencias para sua história.

O interessante é que os acontecimentos não vividos pessoalmente pelo indivíduo também constituem sua memória. Trata-se na socialização histórica ou política, os acontecimentos vividos em coletividade são tão fortes que se identificam com sua ideologia que o indivíduo os adquire em seu imaginário fazendo-o presente no fato ocorrido mesmo distante no tempo e espaço do mesmo. Pollack (1992, p. 201) refere-se a esses fatos "vividos por tabela" onde:

"... Os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tornaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não(...) um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada."

Os *personagens* que contribuem para a criação da memória são as pessoas que compuseram os cenários de relacionamentos interpessoais e coletivos. São tratados realmente como personagens, pois são integrantes no contexto cotidiano do indivíduo. Alguns com mais representatividade, inesquecíveis até pelos trejeitos e atitudes, outros por casualmente estarem inseridos na cena.

Como nos acontecimentos, os personagens também serão contemporâneos na memória como pessoas vividas no cotidiano mesmo que estes personagens não façam parte no tempo e espaço do indivíduo. Eles serão agregados na memória pelo simbolismo sócio- político que compõe a ideologia impar da pessoa. Com isto reforçase a identidade social do indivíduo contribuindo para concretizar sua representatividade no papel social e seu reflexo junto à coletividade.

Os lugares é o fator que completa a tríade da memória. São espaços formadores de lembranças. È o cenário compositor de referencias do cotidiano ou criado no imaginário coletivo. O espaço é de suma importância na vida do indivíduo, pois ele contribui na formação da memória. Uma praia ou uma selva, uma mansão ou um casebre. Estes cenários serão marcantes no processo de construção da identidade do indivíduo. Irá englobar os personagens e os acontecimentos na fixação da sua memória



individual e coletiva. Quanto mais variável este cenário, mais haverá referências para formação da memória até porque um lugar inédito no cotidiano é foco de inúmeros símbolos para reflexão individual e coletiva.

Outro fator importante é que dentro da memória coletiva do indivíduo podemos expor "lugares de comemoração" que são espaços coletivos que nos remete lembranças e sensações de vivências passadas individuais ou herdadas por projeção de outros eventos simbólicos. Um cemitério, um obelisco, um museu, será um lugar onde as pessoas ritualizarão e eternizarão as memórias dentro da criação de tradições mantendose assim o vinculo social de sua identidade territorial.

Isso é importante para as sociedades manterem vivo o perfil coletivo da herança herdada de seus antepassados na construção da história social de sua etnia. Esta história é constituída por fatos instituídos ao longo dos tempos, criados ou reais que fortalecem a identidade coletiva do indivíduo criando nele o sentimento de patriotismo e honraria familiar e social.

São espaços criados para que o indivíduo se sinta inserido no meio de forma que ele perpetue esta ideologia e que caracteriza a projeção social de atitudes e pensamentos construtores da cultura local e nacional. Pollack (1992, p. 203) o aborda na criação da memória como um fenômeno absorvido por projeção de memória, onde:

"Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa este é o caso da Segunda Guerra Mundial."

Lugares de memória são espaços físicos construtores de cenários que ilustram momentos cotidianos vivenciados pelos indivíduos que marcaram a criação de sua memória. A sala de aula da infância ou faculdade, a capela do bairro onde freqüentou, a rua de terra batida onde se entretia, o cinema onde serviu de cenário para o primeiro beijo são memórias advindas das experiências pessoais.

O restaurante também é um lugar de memória, pois constitui "ligações reais com a construção da personagem" (POLLACK, 1992). O espaço gastronômico contribui para interação social e familiar dos indivíduos.



O lugar de restauração em uma comunidade deve-se ter elementos que remetem à acolhida familiar: as cores, a mobília, o *layout* do salão. O indivíduo busca no restaurante momentos agradáveis de confraternização entre amigos, família e pessoas ou simplesmente para se nutrir. O papel social do restaurante é servir também como referencial de status sociais.

Pollack (1992) "toma como grupos não apenas partidos políticos ou sindicatos, mas também grupos um pouco mais informais." Este encontro de *tribos* reforça suas ideologias e constituem na memória, lugares de identidade social. Os carnívoros procuram um restaurante especializado em carnes ou com maior variedade no cardápio. Os herbívoros um espaço com variedade de saladas e os onívoros ambos. Pode-se dizer também pela interação das etnias: cozinha italiana, japonesa, mexicana...

O espaço deve-se então contribuir para momentos preferivelmente hospitaleiros desde a acolhida até a qualidade do alimento oferecido e sua correta manipulação pelos personagens empregados na cozinha e no salão do restaurante.

Tem no alimento a memória gustativa que irá remeter o aroma do alimento às sensações positivas ou negativas vividas pelo personagem. Esta memória gustativa irá se reativar mesmo que em um longo período de tempo e trarão à tona fragmentos além das lembranças que transcendem os tempos, as experiências vividas.

Sobre da identidade social, Pollack cita três elementos essenciais para a sua construção: a *unidade física*, a *continuidade* e o *sentimento de coerência*.

A unidade física é a sensação de se ter uma fronteira física, uma muralha mesmo, para o pertencimento a um grupo ser distinguido entre iguais. Serve também ao se referir em uma muralha moral, psicológica. Neste contexto pode-se haver interferência na comunicação entre o forasteiro que está além desta barreira física e/ou moral com o indivíduo pertencente a ela, criando assim cenas inospitaleiras que vai desde hostilidades ao preconceito étnico. Pollack (1992, p. 205) ressalta a importância da memória na construção da identidade em relação à pessoas de diversas etnias:

"Há uma multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tomam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que, a *priori*, por terem elementos construtivos comuns em suas vidas, deveriam sentir-se como pertencentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória".



A continuidade refere-se ao indivíduo estar dentro do tempo dos demais em cotidianos de transformações de valores e símbolos sociais que dê continuidade à sua interatividade negociando com o coletivo. O sentimento de coerência é quando o indivíduo unifica efetivamente todos os elementos simbólicos – como religião, família, política - que constituem sua formação pessoal e reflete no meio em que está inserido.

Pollack (1992, p. 205) diz que esses três elementos essenciais formam nossa identidade e esta identidade é refletida para si e para os outros, que este confronto é a imagem de como as pessoas o vêem na participação coletiva que é dinâmica:

"Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referencia aos outros, em referencia aos critérios de aceitabilidade, de admissionabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros."

Com isso memória faz parte do processo de identidade social agregando vivências que reforçam o espírito de coletividade na esfera social, cultural e étnica. Contribui para a continuidade das tradições criadas e exerce sobre o indivíduo domínio nos costumes morais e sociais.

#### O Restaurante Carlino

O secular Restaurante Carlino ao longo de sua existência – fechou entre 2002 e 2005 – foi cenário hospitaleiro criativo de memórias tanto individuais quanto coletivas. Marino ao assumir o estabelecimento gastronômico em 1977 herda estas memórias coletivas ao conviver com os funcionários remanescentes e clientes da casa e começa desde então criar elementos que constituirão sua memória individual no cenário do restaurante.

Em 1977 o restaurante ficava na Av. Vieira de Carvalho na República, centro. O então dono era o italiano Marcello Gianni. Pretendia fechar o Carlino caso não encontrasse uma pessoa capaz de dar continuidade aos preceitos do serviço e produto oferecidos. Marino na época tinha uma pizzaria em sociedade com Mario Antoni, a *La Toscanina*. O primo distante e homônimo de Antoni o apresentou ao Gianni na expectativa de Marino suprir os anseios do proprietário do Carlino.



O encontro de ambos foi marcado pela identificação de gravuras na parede dentro do salão do Carlino que ilustravam a cidade italiana natal de Gianni, Lucca. Marino ao identificá-las quebrou a muralha invisível entre eles e os aproximou na cena hospitaleira exemplificando uma memória coletiva sobre a cidade. Gianni reativou sua memória individual e remeteu as lembranças cotidianas de sua terra natal e "exarcebou o sentimento de continuidade e de coerência em sua reconstrução de si" (POLLAK, 1992), facilitando a troca hospitaleira entre os personagens do âmbito comercial que se transformou em social. Eles tinham em primeira mão uma identificação mútua no imaginário coletivo do vínculo do lar, da acolhida familiar na memória de Gianni. Ou seja, a primeira impressão de Gianni com Marino foi positiva e vice versa.

Conversaram a respeito do empreendimento e Gianni pediu que ele retornasse em uma segunda oportunidade. Os laços estavam atados. Faltava agora concretizar a força que esse nó representaria no fechamento do negócio. Ao retornar houve mais elementos de identificação entre eles agora na área culinária quando Marino destrinchou uma vitela e limpou um coelho para Gianni com facilidade, pois já tinha experiência ao trabalhar anos com seu pai no açougue paterno. Para Godbout (1999, p.85), o que vale um objeto, um serviço, um gesto, fortalece vínculos:

"(...), entretanto, além e independentemente de seu valor de troca e de seu valor de uso, as coisas têm valores diferentes, segundo sua capacidade de expressar, de veicular, de alimentar os vínculos sociais. Esse valor não é, porém, estabelecido por comparação com outras coisas, mas, sobretudo em relação com as pessoas."

E esta comunicação não verbal, este serviço fez com que Gianni tivesse certeza que o futuro do Carlino estaria em boas mãos. Vendeu por um preço bem valorizado, pois sabia que Marino teria êxito financeiro.

A localização do restaurante em 1977 na Av. Vieira de Carvalho era um ponto bom. Ficava entre a Praça da República e o Largo do Arouche. Naquele período o centro contribuía com o fácil acesso de seus clientes ao local sem correr um risco maior da vivência da violência. Para Grinover (2006, p. 38) o papel da acessibilidade em uma cidade é fundamental para a interatividade das pessoas que nela vive e transita:

"A essência da cidade é justamente o estimulo à aproximação entre seus habitantes, o que cria as condições para a interação social e define o espaço



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 - Universidade Anhembi Morumbi - UAM/ São Paulo/SP

urbano como público, acessível, lugar das diferenças, da heterogeneidade. Uma boa qualidade de vida, e, portanto, de hospitalidade, é condição para o desenvolvimento urbano e é uma condição estratégica da cidade".

### O depoimento de Marino

Marino relembra em seu discurso com saudades do tempo em que o centro da cidade de São Paulo era hospitaleiro. A vizinhança era segura tanto para ele quanto par seus clientes.

A convivialidade era tranquila ao ponto de ir celebridades ao restaurante como o médico e político Adhemar de Barros, o desportista Leônidas da Silva – famoso jogador de futebol conhecido como Diamante Negro –, o ex governador de São Paulo Lucas Nogueira Garcêz – governador entre 1951 e 1955 –. Porém não sei dizer se todos esses ilustres fizeram parte da memória coletiva de Marino, sei que Adhemar de Barros faz parte de sua memória coletiva, pois ele faleceu Paris no dia 12 de março de 1969 e Marino assumiu em 1977 sendo impossível cronologicamente terem se encontrado pessoalmente dentro do Carlino.

E exemplos com este que reforçam a identidade social de Marino perante a história do restaurante. Absorveu e se mesclou com os acontecimentos vivenciados pelos personagens anteriores a ele. Essa simbiose de lembranças o torna parte do todo. O enraíza na cultura do Carlino.

Ainda sobre suas lembranças do centro, Marino relatou em entrevista a Gabriel Rostey<sup>2</sup> da importância e representatividade do centro em suas lembranças individuais:

"(...) a gente ia ao cinema na São João, ia paquerar na São João, lojas grandes na São João. Tudo era ali. Por que foram destruir a São João? Cartão postal nosso não é a Avenida Paulista, essa chegou agora; cartão postal nosso é a Avenida São João. Ali tinha greve, tinha comemorações, tinha o carnaval, tinha tudo. Tudo era ali: cinemas, paquera...".

Esta memória de Marino sobre sua vivência de um centro esquecido por políticas públicas que ao invés de agregar valores sociais, expulsa a convivialidade dos

<sup>2.</sup>Entrevista cedida à Gabriel Rostey para a Associação de defesa do patrimônio histórico, arquitetônico, cultural e paisagístico da cidade de São Paulo, exposta na página eletrônica: http://www.preservasp.org.br/diploma.htm



moradores. Bastos, em sua pesquisa sobre o patrimônio no centro paulistano defende projetos que realmente incluam a participação decisória dos moradores que lá vivem. Para ela, este envolvimento com o patrimônio ocorre na medida em que ele é incorporado ao cotidiano do morador e uma dos mediadores para tal é a força da memória individual e até coletiva desses moradores (SENIA, 2006, p.57):

"... o passeio pelo centro ganha colorido quando compartilhado por antigos moradores da cidade. Rememoram acontecimentos, identificam edificações inexistentes, apontam peculiaridades de tempos idos: o antigo cinema, hoje convertido em espaço religioso em virtude do novo uso, o logradouro que teve seu desenho alterado, obras de arte removidas a fim de intensificar o tráfego local. A narrativa marcada pela recordação vem carregada de emoção e o passado ganha coloração positiva. A paisagem é reorganizada e fica a indagação: teria sido melhor?"

Com a degradação do centro, Marino, em 2002, fechou as portas do restaurante que ficara aberto por 121 anos. A clientela começara aos poucos se ausentar do restaurante. Sua hospitalidade perdera para as especificidades que compunham a vizinhança como a violência, a marginalidade, a prostituição. Seu território não exercia mais o papel social de acolher de forma segura e confortável ao seu hóspede. Não era mais vivido por sua clientela que foi afugentada por não mais se identificar com o meio. Grinover (2006, p. 34) traduz essa territorialidade, esse espaço vivido como:

"O espaço vivido também é identificado como espaço global e total que reúne três dimensões: o conjunto dos lugares freqüentados pelo sujeito (o próprio espaço da vida), as inter-relações sociais imbricadas e os valores psicológicos que são projetados e percebidos. O território realizado, vivido e sentido, mais que referenciado e circunscrito, engloba os lugares que se singularizam em suas diferenças pelo seu valor de uso, por seu alcance real: os lugares concretos quais sejam — o morar, o estudar, o trabalhar, o divertir-se, o viver saudavelmente, o transitar, o opinar."

Durante o período em que fechou as portas a família Marino continuou trabalhando com eventos, trabalho este que faziam paralelamente ao restaurante agora ficara a principal fonte de capital. A saudade e os pedidos dos clientes contribuíram para que em 2005 retomar as atividades agora em novo endereço: Rua Epitácio Pessoa, 85, centro.



Com o ponto novo a nova expectativa de acolher seus clientes fidelizados e à nova clientela associaram na decisão de onde reabrir. A escolha foi pela oportunidade do espaço comercial que antes já fora um restaurante estar disponível; Os encanamentos estavam novos, a vizinhança e transeuntes não tinha características negativas como antes na Vieira de Carvalho.

Os elementos de qualidade de vida citado anteriormente por Grinover voltaram à tona neste novo espaço territorial contribuindo para o acesso do hóspede e a acolhida do anfitrião. A segurança foi reforçada na vizinhança com a instalação do Tribunal de Justiça na Av. Ipiranga no antigo Hotel Hilton.

Marino relata ainda que voltou para o centro porque *o Carlino, a história do Carlino, é no centro. O Carlino faz parte do centro de São Paulo e vice versa.* Neste relato está explícito elementos de memória e de identidade social. Essa retomada ao centro refere aos clientes um lugar de apoio da memória, o lugar de comemoração (POLLAK, 1992). Retoma no imaginário dos clientes a sensação de acolhimento, de momentos agradáveis tanto com a família, com amigo ou com relacionamentos perdidos ao tempo. Porém o restaurante fica aberto no horário de Segunda a Domingo do meio dia às quatro horas da tarde, pois como Bastos (2006, p.54) analisa o centro:

"A área central caracteriza-se por uma ocupação de intenso dinamismo no horário comercial, de segunda a sexta, e de grande esvaziamento após às 20h00 e aos fins de semana .(..)em nome da segurança dos demais usuários. (...) que também seguem o mesmo período de vitalidade do comércio, escritórios e prestadores de serviços: das 9h00 às 18h00. Nas brechas de encerramento das atividades formais, as ruas são totalmente ocupadas por vendedores ambulantes, cantadores, mulheres que tiram a sorte, pregadores do evangelho, desempregados, prostitutas, moradores de rua e curiosos. Ou seja, por usuários que se quer segregar nas periferias longínquas, a fim de recuperar para a localidade os setores médios e incrementar a visitação de turistas."

Neste ano Marino inaugurou sua primeira filial na Rua Traipu, 91, em Perdizes. Um ambiente com elementos visuais e mobiliários que transmitem uma sensação mais acolhedora. A acessibilidade condiz com o local. Não muito a identidade antes falada do Carlino com o centro, porém ente novo ambiente fora do centro retoma ao resgate de sua clientela noturna que nos anos áureos de funcionamento à noite no centro, eram acolhidos agradavelmente.



#### Considerações finais

As pesquisas baseadas na história oral devem ter observações bem analíticas por parte do pesquisador, pois a memória individual se funde com a memória coletiva e cria-se uma nova realidade, um novo olhar por parte do entrevistado. Devemos verificar os personagens, os lugares e os acontecimentos constituintes desse discurso para não divergirmos gradativamente do foco da pesquisa.

A maturidade do pesquisador acentua com o cruzamento de informações peneiradas que realmente contribuem com a pesquisa, pois há transformações, mudanças constantes de informações. Devemos peneirar estas informações para construirmos uma eficácia análise do discurso.

A memória e a identidade social do Restaurante Carlino pela ótica de seu proprietário são românticas ao afirmar que *antigamente era melhor, era diferente, não se faz como no passado* e essas afirmações devem ser bem analisadas e estruturadas no contexto histórico e social.

Este conteúdo fará parte e contribuirá para o êxito da minha dissertação sobre o Restaurante Carlino que vivencia mais de cem anos de memórias.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Sênia. Hospitalidade: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n. 2,p. 51 a 62, 2. sem. 2006.

GODBOUT, J. T. em colaboração com Caillé, Alain. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29 a 50, 2° sem. 2006.



VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 20 e 21 de setembro de 2010 — Universidade Anhembi Morumbi — UAM/ São Paulo/SP MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Edições 70. 2008.

POLLAK, Michel. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200 a 212.